

Sobre “Tornar-se mulher”

Christian Ingo Lenz Dunker

Resenha de Lusimar de Melo Pontes, *Tornar-se mulher: obstáculos em torno da feminilidade*. São Paulo, Zagodoni, 2012, 144 p.

O trabalho de Lusimar Melo Pontes, originalmente sua dissertação de mestrado pela PUCSP, possui forte potencial didático, tanto por apresentar de forma extensa e continuada um caso clínico narrativamente bem articulado, quanto por pensá-lo em sucessivas e articuladas camadas de consideração e conceito. O texto consegue reunir os tempos do caso, com os momentos de consideração do conceito em Freud e em Lacan. Fato raro entre trabalhos universitários, vemos que a construção de argumentos não se apresenta dissociada dos movimentos que lhes deram causa. A sua prudência é capaz de escapar do esquematismo empobrecedor. Não há triunfalismo clínico nem soberania estética da experiência, mas justa medida da experiência do caso.

A feminilidade aparece aqui como um drama existencial, movido pelo problema do reconhecimento *da e na* experiência dialética do tratamento psicanalítico. Os obstáculos não são apenas momentos de ultrapassagem rumo ao fim de análise, categoria tão fetichizada nos últimos tempos. São eles a essência mesma da experiência

em seu limite interno e externo. É assim na esfera da demanda de reconhecimento, com suas respectivas suspensões, bloqueios e derrogações que a alienação do desejo surge como primeiro obstáculo à feminilidade. É assim que o déficit da expectativa de reconhecimento (inveja do pênis) marca o encontro feminino com a castração, segundo obstáculo. A realização subjetiva do gozo fálico aparece como terceiro obstáculo, agora histerico, à feminilidade. Este equívoco de falso reconhecimento ultrapassa em muito o tema da identificação, da reinvidicação imaginária e da posição narcísica.

Retomando as formulações lacanianas sobre a chamada *questão da mulher*, Lusimar Pontes descobre como em todas suas incidências encontramos o tema da atribuição de existência. O problema maior não é saber o que é o *falo*, a *mulher*, o desejo ou a fantasia feminina envolvida na formulação da *relação sexual*, mas o que significa *existir*, ou seja, o que significa *ser* na expressão *ser o faló*. Quando perguntamos pelo reconhecimento da feminilidade em psicanálise, somos levados a reconsiderar, a cada vez, o que significa “existir”. *Existir* pode significar reconhecer, ter reconhecido ou fazer reconhecer um desejo pelo Outro. *Existir* pode significar *ser um* objeto. *Existir* pode nos remeter a identificar-se em *um* significante ou uma imagem. *Existir* pode querer dizer gozar “em”, “de” ou “fora” de *um* corpo.

Para enfrentar esta variedade da existência feminina, Lusimar Pontes aborda um caso clínico em toda sua extensão e detalhamento. O caso de alguém que não foi reconhecida como mulher no momento crucial de perda da virgindade, o que teria levado a um bloqueio generalizado da possibilidade de reconhecimento do desejo. Há algo no gozo feminino que resiste ao reconhecimento e a sua designação ostensiva. Ou seja, não é só o problema de que os pais e a cultura não confrim dignidade e existência simbólica à sua posição de mulher. É que há algo que nem eles e nem ela mesma pode reconhecer nesta experiência. Não se trata do *dasein* (ser-aí), mas do *diese* (ser-isto) que torna o feminino um problema.

Seria então a teoria psicanalítica da feminilidade uma inferência projetiva do sonho de curar a histeria? Seria o feminino nada menos do que a anti-histeria? O estatuto de desconhecimento da histeria pelos psicanalistas e psiquiatras que não acreditam mais na *existência da histeria*, como quadro único e integrado da multiplicidade de sintomas, apontaria para uma espécie de esgotamento do modelo histórico das aspirações de reconhecimento. Outra forma de pensar diria que a importância de advogar a unidade da histeria reside no fato de que é a partir desta unidade que podemos pôr à prova a fragilidade de nossa teoria do reconhecimento. Neste caso a ultrapassagem da teoria positiva, autorreferente e essencialista do reconhecimento exige a preservação desta forma de vida chamada histeria. Assim, há um *parecer* que substitui o *ter*. Mas há ainda um tipo de *parecer* (o semblante) que substitui o *ser*. O semblante feminino e o semblante histórico (mascarada) seriam o indexador clínico desta não existência. Descobrir que *ser* não é *ser-fálico* constituiria a dificuldade insondável e traço limite da histeria.

O segundo movimento do texto está baseado na importância da existência determinada por um olhar. Não é ainda o registro do reconhecer – ser reconhecida como mulher, mas o de reconhecer-se sendo reconhecida como e por um olhar anônimo, impessoal, despersonalizado. Aqui se trata de admitir que *ser* é *ser para o Outro*, que *ser* é inscrever-se no campo do olhar. *Não existir* é um momento dialético entre o pai destituído, cujo reconhecimento nada vale, e o *reconhecimento objetual*, por alguém que não pode mais ser um pai.

No terceiro movimento do tratamento e do livro não se trata mais apenas de existir para o olhar do Outro. Há outros modos de reconhecimento, modos pelos quais é possível ser sem existir, decaída como objeto menina dos olhos. Vemos neste momento como a paciente separa-se do masoquismo, da mascarada masoquista e da devastação materna ao suportar uma forma de gozar com este *não existir*.

O quarto movimento desta experiência de ser, que contém a não existência feminina, aborda o embate entre identificação e sexuação. Aqui o reforço da identificação é invertido e advertido pela falsa oposição: *não ser* mãe, *não ser* mulher, *não ser* como minha mãe. Ela é *não existência*, mas não existência como a mãe. Surge assim uma identidade patológica, que funciona como restrição ou barreira ao gozo feminino. Este fora-da-castração não é apenas um inexistente transcendental, que não afeta nem a cultura nem a linguagem, mas a entrada na ideia de *não relação*. É esta forma de inexistência interna que *não cessa de não ser* nomeada pela cultura. Nomeação insuficiente, equivocada e negada, de maneira a confundir a feminilidade com a *natureza antifálica* da qual fala Lacan.

No quinto movimento surge o reconhecimento precário e instável pelo Outro do amor. Aqui a existência aspira à universalidade. Ela não se constrange mais à sua particularidade-singularidade: ser como este, ser como esta, ser como isso, e suas negações recíprocas. É o drama feminino de que seu amor seja não só este amor, mas o amor generalizado e universalizado. Prova clínica que a dialética do reconhecimento não é um programa clínico de juventude em Lacan, que teria sido abandonado posteriormente. Aliás, é muito possível que parte substancial dos impasses de teorização da psicanálise lacaniana dos últimos tempos decorra do desconhecimento de que uma teoria do reconhecimento é condição necessária e inarredável para uma clínica psicanalítica.

Depois de uma temporada de trabalhos lacanianos sobre a feminilidade e a histeria, o trabalho reluzente de Lusimar Pontes nos ajuda a entender por que a histeria tornou-se um quadro extenso demais. É porque a feminilidade tornou-se um problema vasto demais, dada a crescente insatisfação com as soluções apresentadas por Freud e pelos incrementos lacanianos. É preciso separar quatro abordagens lacanianas da histeria, que são virtualmente compatíveis com ângulos de abordagem da feminilidade: o desejo histórico e o problema da incidência da castração feminina

(privação), a identificação histérica e o problema da devastação feminina (masoquismo), o tema da estrutura histérica e a questão do gozo fálico (coordenado pela fantasia) e o tema do discurso histérico que nos leva à problemática do gozo feminino em sua relação com o simbólico (laço

social) e com o real (sexuação). Lusimar Pontes consegue fazer um trabalho transversal, reunindo os últimos e os primeiros desenvolvimentos de Lacan, articulando com graça e elegância como a clínica bem feita nos permite ver com clareza os problemas teóricos que temos pela frente.